

Otan admite ataques on-line preventivos contra a Rússia

A chamada “guerra híbrida” da Rússia preocupa membros do Comitê Militar da Otan

Por Igor Gielow (Folhapress)

A tensão entre a Rússia e a Otan subiu mais um degrau nesta segunda-feira (1º), com o chefe do Comitê Militar da aliança ocidental sugerindo ataques preventivos para dissuadir Moscou de prosseguir com a chamada guerra híbrida contra a Europa.

“No ciberespaço, estamos reagindo. Estamos pensando em se mais agressivos ou proativos, em vez de reativos. Como a dissuasão é alcançada, por retaliação, ataque preventivo, isso é algo que temos de analisar profundamente”, disse o almirante italiano Giuseppe Cavo Dragone ao jornal britânico Financial Times.

O comitê que ele lidera é o principal órgão de assessoramento militar da aliança, responsável por dar as diretrizes de ação do clube de 32 membros liderado pelos Estados Unidos.

Guerra híbrida é o nome dado a ações como sabotagem e ataques hacker, que por não serem diretas, podem ser negadas pelos adversários. Países europeus dizem que a Rússia está por trás de uma série desses atos no continente, como a explosão numa ferrovia polonesa na semana passada, o que o Kremlin descarta como russofobia e paranoia.

Com efeito, a chancelaria russa protestou contra a fala de Dragone. A chamou de “extremamente irresponsável” e escala-



Reuters/Folhapress

Guerra híbrida é o nome dado a ações como sabotagem e ataques hacker, que atinge a Europa

tória, demonstrando um desejo de confronto.

Na semana passada, o presidente Vladimir Putin disse que a ideia de que Moscou queira atacar a Otan, o que poderia provocar a Terceira Guerra Mundial, era “ridícula”. Para ele, os membros europeus da aliança estimularam a continuidade da Guerra da Ucrânia, iniciada pelo russo em 2022, para minar seu país.

Dragone citou a operação Sentinela Báltico, iniciada no começo deste ano, como um exemplo sobre como proatividade militar pode funcionar sem necessariamente levar a um conflito maior.

Em 2023 e 2024, o mar Báltico foi palco de diversos incidentes de danos a cabos submarinos de energia e dados, atribuídos a navios ligados à Rússia e à China, até aqui sem provas. De todo modo, a Otan lançou uma missão constante de patrulha que zerou os incidentes.

Houve intercorrências, como no caso em que um avião francês ficou na mira de radares de baterias antiaéreas russas em Kaliningrado, e as usuais interceptações de aeronaves de lado a lado seguem semanais, mas por ora só isso. “Isso significa que a dissuasão está funcionando”, afirmou o italiano.

A troca de ameaças ocorre no

momento em que o governo de Donald Trump corre para tentar fechar um acordo que estabeleça a paz na Ucrânia, um trabalho cuja complexidade já derrubou o prazo que o americano havia imposto para uma solução, na quinta-feira passada (27).

Ao longo do fim de semana, ucranianos e americanos se reuniram na Flórida. O lado de Kiev está particularmente em dificuldades, já que na sexta (28) o principal assessor do presidente Volodimir Zelenski, Andrii Iermak, foi demitido após agentes anticorrupção fazerem uma batida em sua casa.

Ele vinha tratando da revisão de uma proposta pró-Putin que havia sido delineada pelo negociador americano Steve Witkoff e o russo Kirill Dmitriev. O texto foi modificado, mas Moscou rejeitou as alterações, embora se mantenha aberta a discuti-las.

Nesta terça (2), Witkoff se encontrará em Moscou com Putin, na sexta reunião entre os dois neste ano. Ele talvez esteja acompanhado pelo influente Jared Kushner, genro de Trump que participou das conversas do fim de semana nos EUA.

O temor na Europa é uma reversão dos termos mais amenos ajustados na semana passada, dado que Witkoff é percebido como simpático ao Kremlin.

Em busca de apoio, Zelenski viajou nesta segunda a Paris, onde se encontrou com o presidente Emmanuel Macron. O francês tem buscado liderar uma reação à investida de Trump justamente por temer o que chama de capitulação forçada de Kiev, mas até aqui os recursos europeus são limitados ante o cacife do americano.

Enquanto a guerra híbrida é debatida e a diplomacia busca uma saída, o conflito em si segue seu curso violento. Nesta segunda, um ataque com mísseis matou três pessoas e feriu cerca de uma dúzia de moradores de Dnipro (Ucrânia).

Redução no “buraco” na camada de ozônio

Por Gabriel Gama (Folhapress)

O buraco na camada de ozônio sobre a Antártida em 2025 foi o menor já registrado desde 2019, com uma extensão de 21,08 milhões de quilômetros quadrados, de acordo com um relatório do Serviço de Monitoramento Atmosférico Copernicus, da União Europeia.

Os dados mostram que o rombo se fechou nesta segunda-feira (1º), mais cedo que nos cinco anos anteriores.

“O fechamento mais precoce e o tamanho relativamente pequeno do buraco na camada de ozônio deste ano é um sinal tranquilizador e reflete o progresso constante que agora observamos ano após ano na recuperação da camada de ozônio graças à proibição das substâncias que destroem o ozônio”, disse Laurence Rouil, diretora

do serviço do observatório europeu, em nota.

A camada de ozônio se localiza na estratosfera, uma parte da atmosfera, e funciona como um escudo que protege a Terra da radiação do Sol.

As novas medições ajudam a sustentar a esperança de uma restauração gradual da estrutura. Segundo o Copernicus, a camada deste ano registrou um déficit de 20,49 milhões de toneladas de ozônio, menor que a média de 1979 a 2022. Após rombos relativamente grandes e duradouros de 2020 a 2023, os buracos de 2024 e 2025 se fecharam mais cedo e tiveram dimensões menores.

“Este progresso deve ser celebrado como um lembrete oportuno do que pode ser alcançado quando a comunidade internacional trabalha em conjunto para enfrentar os desafios ambientais globais”, afirmou Rouil.

Na década de 1970, cientistas descobriram que compostos chamados clorofluorcarbonetos (CFCs), presentes em aparelhos de refrigeração e aerossóis, estavam destruindo a camada de ozônio. A detecção de um buraco sazonal sobre a Antártida, que se abre entre agosto e setembro, levou a uma movimentação política para resolver a situação.

O Protocolo de Montreal, no qual 198 países se comprometeram a regular essas substâncias, entrou em vigor em 1989. O tratado provocou a eliminação gradual de mais de 99% da produção e do consumo dos CFCs, de acordo com um relatório da Organização Meteorológica Mundial (OMM), ligada às Nações Unidas, publicado em setembro.

Diversos fatores influenciam o fechamento do buraco, como a atividade solar, que favorece a formação do ozônio na atmosfera.



Divulgação/ NASA

“Buraco” na camada de ozônio vem reduzindo nos últimos anos